

“Nas estradas do exílio”: o sertão de Ronaldo Correia de Brito

“On the roads of exile”: the hinterland of Ronaldo Correia de Brito

“En los caminos del exilio”: el sertão de Ronaldo Correia de Brito

Analice de Oliveira Martins 

Instituto Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil,
Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil.



RESENHA DA OBRA:

BRITO, Ronaldo Correia de. *Dora sem véu*. Rio de Janeiro: Alfaguarra, 2018. 243p.

RESUMO

Esta resenha pretende apresentar de forma analítica o romance *Dora sem véu*, publicado em 2018, pelo escritor Ronaldo Correia de Brito. De forma breve, procura evidenciar que, apesar de ser significativo o descentramento de gênero do foco narrativo, dando visibilidade a uma voz feminina, o que importa, sobretudo, é a ratificação do projeto ficcional do autor, em que o sertão nordestino se apresenta atravessado por deslocamentos e embates de ordem diversa. Confrontam-se tradição e modernidade, localismo e cosmopolitismo, centro e periferia, fixidez e desenraizamento. *Dora sem véu* coloca em xeque a imagem discursiva, introjetada na ficção regionalista brasileira dos anos 1930, de um sertão de fixidez e imobilidade.

Palavras-chave: Descentramentos. Sertão. Ficção contemporânea.

ABSTRACT

This review intends to present, in analytical form, the novel *Dora without veil*, published in 2018, by the writer Ronaldo Correia de Brito. Briefly, it seeks to show that, although the gender decentration of the narrative focus is significant, giving visibility to a female voice, what matters, above all, is the ratification of the author's fictional project, in which the northeastern hinterland presents itself crossed by displacements and clashes of diverse order. They confront tradition and modernity, localism and cosmopolitanism, center and periphery, fixity and uprooting. *Dora without veil* puts in check the discursive image, introjected in the Brazilian regionalist fiction of the 1930s, of a hinterland of fixity and immobility.

Keywords: Decentralization. Hinterland. Contemporary Fiction.

RESUMEN

Esta revisión pretende presentar, analíticamente, la novela *Dora sem véu*, publicada en 2018, por el escritor Ronaldo Correia de Brito. Brevemente, busca resaltar que, aunque la descentralización de género del enfoque narrativo es significativa, dando visibilidad a una voz femenina, lo que importa sobre todo es la ratificación del proyecto ficticio del autor, en que el sertão del noreste está atravesado por desplazamientos y enfrentamientos de diferente orden. Se enfrentan tradición y modernidad, localismo y cosmopolitismo, centro y periferia, fijeza y desarraigo. *Dora sem véu* pone en tela de juicio la imagen discursiva, introyectada en la ficción regionalista brasileña de los años treinta, de un sertão de fijeza e inmovilidad.

Palabras clave: Descentralización. Sertão. Ficción contemporánea.

“Até quando vou transitar por mundos desencontrados? O mundo de Dora, meu por herança. Esse mundinho que me sufoca, o dos meus pares” (BRITO, 2018, p. 53). A reflexão de Francisca, personagem narradora do romance *Dora sem véu* (2018), o terceiro do escritor cearense Ronaldo Correia de Brito, alude a vários deslocamentos que a narrativa encena e superpõe.

O romance poderia ser apresentado como o relato feito por uma mulher intelectualizada, oriunda do Recife. Pesquisadora tanto da atuação dos americanos no Brasil, por meio do projeto Aliança para o Progresso durante a ditadura militar, quanto da literatura de cordel, embrenha-se com o marido em uma viagem com romeiros a Juazeiro do Norte em busca da avó Dora, que teria desaparecido com três filhos, quando tentava escapar da seca e do abandono do marido. Jonas, um dos filhos de Dora, pai de Francisca, confessa, no leito de morte, a sua culpa e a sua dor por também ter deixado a mãe, escapando para Recife. Como afirma Francisca, a sua viagem em busca da avó que sempre desconheceu salda “as dívidas do pai” (BRITO, 2018, p. 7).

Nessa empreitada, espécie de viagem em direção a uma origem apagada, descortinam-se muitos outros deslocamentos experienciados ou lembrados: sertanejos fugindo da seca de 1932, sertanejos em busca de trabalho no Acre, refugiando-se nas periferias das grandes cidades, romeiros em eterno trânsito para pagamento de promessas. Nenhuma dessas viagens, entretanto, é a de Francisca. A atual não corresponde às tantas outras que realizou como pesquisadora no sertão nordestino. Na de agora, a personagem exorciza a culpa paterna, sabendo que, talvez, não encontre rastro algum de uma origem perdida. Resta-lhe o encontro consigo mesma: a libertação de um casamento falido e o prazer nos braços de um homem bem mais jovem, ou seja, um corpo também em trânsito, movimento e errância.

O conjunto da ficção de Brito, especialmente os contos de *Faca* (2003), *Livro dos homens* (2005), *Retratos imorais* (2010) e o premiado romance *Galileia* (2008), estabelecem uma espécie de ética da deriva em que personagens se movem em direções diversas: do sertão à cidade; da cidade ao sertão; no próprio sertão; em outros países. A fuga da miséria, do desemprego, de um sertão em ruínas é o mote da viagem compulsória, alimentada pela tradição do romance regionalista, desde *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. Não é, porém, o único mote da ficção contemporânea de Brito.

O sertão ficcionalizado pelo escritor não se estrutura na fixidez e na imobilidade como traços característicos. Ao Fabiano que queria agarrar-se à terra, estar plantado nela, somam-se e, às vezes, contrapõem-se outros personagens que reconhecem nessa mesma terra apenas a dissolução de um mundo que se esfacela “frágil

e desprotegido como os fósseis recobertos de calcário.” (BRITO, 2018, p. 163).

Se a modernização trouxe, por um lado, a internet, a velocidade das informações, computadores, celulares e toyotas; por outro, determinou a inoperância de funções anteriormente exercidas, como as de agricultor, vaqueiro, oleiro, tropeiro, aboiador, queijeiro, parteira, rezador, encantador de serpentes, cambiteiro, relegando à inutilidade moendas, teares, utensílios, domésticos e até roupa de couro. No sertão de Brito, quase tudo isso assume uma dimensão fantasmagórica, destinada a constituir uma espécie de arqueologia: “Que função teria, além de virar peça de museu?” (BRITO, 2018, p. 118).

São essas narrativas de um tempo outro, revivido quase sempre de forma simulacral, que se entrecruzam ao deslocamento presente, como na cena em que Francisca lembra as suas pesquisas e as canções ouvidas durante o mês da colheita do arroz, cantaroladas pelo costume e pela memória dos trabalhadores. Sertanejos que não mais se reconheciam nelas, estranhavam quando ouviam a própria voz, gravada por Francisca. Preferiam agora músicas de rádio.

Em *Dora sem véu*, estão presentes todos os elementos desse sertão agônico, em transformação, assemelhado à periferia das grandes cidades, em transe e em trânsito, no qual todos parecem estar de passagem. O espaço recriado por Brito não é um “lugar antropológico”, identitário e relacional, como na formulação do antropólogo Marc Augé (2001). É um lugar de passagem, de trânsitos vários, espécie de “não lugar”. Estão lá também quase todas as linhas de força de sua ficção: os embates entre localismo e cosmopolitismo, tradição e modernidade, centro e periferia, fixidez e desenraizamento.

Muito especialmente *Dora sem véu* recorre ao veio metalinguístico. Francisca, a socióloga narradora, também escreve a sua viagem em busca da avó Dora. Sabe que, de alguma forma, não faz apenas um relato memorialístico de sua viagem (“Imagino tudo isso” – BRITO, 2018, p. 14), a partir do caderno de notas de seu marido, o médico Afonso, que pretendia ser um escritor reconhecido:

Experiente em técnicas de pesquisa, mantenho distância do meu informante, não me envolvo nas suas impressões. Ele chora, se agita, e eu ajusto o microfone, esperando o momento adequado à pergunta seguinte. Escuto Wires, renuncio ao velho hábito de gravar e anotar. Quando escrever suas histórias, elas serão outras, desprovidas de emoções fortes. Talvez não resista à tentação de produzir literatura (BRITO, 2018, p. 147).

Há, no romance, vários cadernos de notas, escritores frustrados ou exitosos, referências a obras canônicas e

matriciais, como *As mil e uma noites*, releituras de fatos históricos, transcrições. Por vezes, tal procedimento fratura a centralidade do foco narrativo e faz deslizar o ponto de vista enunciativo. Recurso também empregado no romance *Galileia*.

Nesse sentido, apesar de haver nos contos de Brito, outras importantes vozes femininas narradoras, como é o caso de "Eufrásia Meneses", de *Livro dos homens*, ou mesmo de outras tantas fortes personagens femininas; no gênero romanesco, essa é a sua primeira experiência bem sucedida inclusive pela representatividade que empresta às questões de gênero, descentrando o jugo do universo masculino sertanejo, e dando visibilidade à emancipação do corpo feminino, à condição da mulher pesquisadora e escritora, que se desloca e que tem a coragem de colocar-se em movimento.

Ainda que o romance possa ser lido por essa chave, a sua contribuição maior reside na confirmação do projeto ficcional de Brito, que constrói um sertão atravessado por deslocamentos e novos agenciamentos, em que temporalidades se superpõem e realidades heterogêneas não se excluem. Como o próprio autor afirmou em entrevista ao jornal *O Povo*¹, "O meu sertão é a paisagem através da qual eu interpreto o mundo, o de hoje, o globalizado, o que rompeu com as tradições [...] Meus personagens migram, sofrem o embate com as outras culturas". *Dora sem véu* ratifica, com êxito, tal projeto.

Referências

AUGÉ, Marc. *Não-lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 2001.

BRITO, Ronaldo Correia de Brito. *Faca*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

BRITO, Ronaldo Correia de Brito. *Livro dos homens*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

BRITO, Ronaldo Correia de Brito. *Galileia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

BRITO, Ronaldo Correia de Brito. *Retratos imorais*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

BRITO, Ronaldo Correia de Brito. *Dora sem véu*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

Recebido em: 23/1/2019.

Aprovado em: 14/11/2019.

Publicado em: 21/12/2019.

Autora:

ANALICE DE OLIVEIRA MARTINS

Doutora, atua como professora no Instituto Federal Fluminense (IFF) e na Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1136-9527>

E-mail: analice.martins@terra.com.br

Endereços: Instituto Federal Fluminense

Rua Dr. Siqueira, 273 – Parque Dom Bosco

28030-030, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil

Universidade Estadual do Norte Fluminense

Av. Alberto Lamego, 2000 – Parque Califórnia

28013-602, Campos dos Goytacazes – RJ, Brasil

¹ Entrevista publicada no jornal *O Povo*, 8 maio 2005. Disponível em: <https://www20.opovo.com.br/app/opovo/paginasazuis/2005/05/08/noticiasjornalpaginasazuis.472505/cantico-para-um-br-mundo-em-dissolucao.shtml>. Acesso em: 18 fev. 2018.